



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC

Formação de professores de inglês numa era de incertezas

Área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes
Subárea do conhecimento: Linguística
Especialidade do conhecimento: Linguística Aplicada

Relatório Final

Período da bolsa: de dezembro de 2017 a julho de 2018

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PIBIC/COPES

Orientador: Vanderlei José Zacchi

Autor: Clara Maria Correa Pereira Andrade

SUMÁRIO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

- 1. Introdução**
- 2. Objetivos**
- 3. Metodologia**
- 4. Resultados e discussões**
- 5. Conclusões**
- 6. Perspectivas**
- 7. Referências bibliográficas**
- 8. Outras atividades**

Introdução

Na atual era das tecnologias digitais, o conhecimento e as informações estão sendo disseminados constantemente e a representação do professor de décadas atrás, que era visto como o detentor de todo o conhecimento, já não é mais coerente. A posição atual seria mais a de mediador do conhecimento do que a de protagonista. Essa posição de mediador ocorre também devido a nova geração de alunos que, em sua maioria, está totalmente inserida no contexto tecnológico. Diversos são os recursos existentes para estudar uma nova língua, por exemplo; jogos, aplicativos, cursos online, páginas da web, blogs, as próprias redes sociais como o Facebook, Instagram, Twitter, entre outros que os alunos utilizam diariamente. Quando se fala do professor como mediador é justamente porque apesar de já conhecerem e utilizarem as tecnologias, nem todos os alunos as utilizam criticamente, pensando nas implicações que elas possuem. Neste contexto o professor deve estar apto para auxiliar seus alunos no uso mais crítico da tecnologia. Entretanto, nota-se que as constantes mudanças as quais estamos sujeitos diariamente causam também uma zona de incertezas, que cada vez mais força os professores a lidarem com o desconhecido e o incerto (ZACCHI, 2015). Por



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

isso é fundamental discutir sobre como essas mudanças repercutem no ensino de língua inglesa e como utilizar a tecnologia de maneira mais crítica na sala de aula. Tendo em vista essa temática, um dos objetivos dessa pesquisa é ter uma visão geral de como os professores e alunos em formação lidam com a tecnologia no ambiente escolar. Para isso, inicialmente foram aplicados questionários para levantar dados, que já foram analisados, e posteriormente serão analisadas as entrevistas, que nos ajudarão a investigar como os professores lidam com o desconhecido. As discussões teóricas sobre a performatividade também foram recorrentes e contribuíram para o esclarecimento de alguns conceitos, principalmente em relação a noção de performance. Estamos sujeitos a constantes mudanças, que causam as incertezas, discutir sobre a performatividade pode ajudar a entender essas mudanças, inclusive na nossa linguagem e identidade (PENNYCOOK, 2007).

Objetivos

Examinar como professores de inglês em Sergipe lidam com o conhecimento prévio que os alunos têm sobre as tecnologias digitais.

Analisar até que ponto esses professores se sentem letrados digitalmente e capacitados para trabalhar com essas tecnologias em sala de aula.

Avaliar as estratégias utilizadas por esses professores para lidar com tecnologias que eles não conhecem ou não dominam.

Fazer um levantamento de como professores de inglês em Sergipe veem o uso dessas tecnologias em sala de aula.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de base qualitativa e interpretativista. Foram considerados como informantes, professores de inglês da rede pública e alunos do curso de Letras Inglês da UFS. Os professores informantes foram escolhidos em cursos de extensão de formação



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

de professores de língua inglesa que serão ofertados via UFS. Os alunos de Letras foram escolhidos entre os que estão cursando o primeiro e o último ano. A ideia é confrontar visões em diferentes estágios de formação. Como instrumentos de levantamento de dados foram utilizados o questionário e a entrevista. Os questionários foram respondidos por 23 alunos ingressantes, 30 alunos concluintes e 16 professores. Esses questionários já foram analisados. As entrevistas serão analisadas depois. A equipe de pesquisadores adota também o diário de campo como forma de registrar suas impressões sobre o processo. A previsão é que este projeto tenha duração de dois anos, de forma que neste primeiro ano estão sendo desenvolvidas atividades no campo bibliográfico e de levantamento de dados. No segundo ano, deverão ser analisados mais dados e elaboradas propostas para a formação de professores de inglês.

Resultados e discussões

Aprofundamento sobre a performatividade

Foram discutidos alguns capítulos do livro *Performativity* de James Loxley, que teve como objetivo traçar a história da performatividade e do performativo, com destaque para John Langshaw Austin, Derrida, e Butler.

O filósofo inglês J. L. Austin foi o primeiro a tratar sobre performativos, apontando o contexto no qual os enunciados seriam performativos. Ele ampliou seu esboço básico do que entendia como performativo para uma teoria dos atos de fala, na qual a performatividade de pedidos, ordens, declarações e assim por diante era vista como uma caracterização dos enunciados que emitimos como falantes. Para ele, não teria uma separação entre o enunciado e a situação. O enunciado não existe para descrever uma situação, um evento ou uma ação; ele é o próprio evento ou a ação. Austin separou os enunciados em constativos e performativos. Os constativos podem ser verdadeiros ou falsos e seu contexto depende de fatores contextuais. Já os performativos têm que seguir certas



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

características e podem ser implícitos ou explícitos. Os performativos são dependentes das circunstâncias para serem considerados válidos, existem consequências que determinarão se eles seriam bem ou mal sucedidos. Ele cita como exemplo a sentença “eu aceito” que em relação a um casamento somente terá validade se for dita no lugar e momento certos. Com isso ele concluiu que o performativo está vinculado a normas e convenções, que mudam constantemente. Se todos os elementos se combinarem, e já que não teria como atribuir um valor verdade, então esse performativo pode ser considerado bem ou mal sucedido. Austin então começa a dividir os atos em três dimensões; locução, ilocução e perlocução. A locução significaria as funções semânticas e referenciais da linguagem. A ilocução denota o tipo do ato, que não é uma questão do que o enunciado significa ou do que ele se refere, mas do que ele faz. Desse modo, as duas alternativas dos constativos e performativos foram repensadas como distintas, mas com aspectos interdependentes no ato de fala. Já a perlocução denota a função performada no ato de dizer alguma coisa, por exemplo se uma pessoa fala que tem um touro no campo ela performou um ato ilocucionário de avisar uma outra pessoa. E ao mesmo tempo ela performou o ato perlocucionário de assustar a outra pessoa ou fazê-la fugir. Ambos os atos, ilocução e perlocução, descrevem o que podemos chamar de pragmática do ato de fala, os tipos de trabalho que os enunciados linguísticos são capazes de realizar nos processos de significado e de referência. Contudo os dois termos denotam um sentido muito diferente de pragmática: enquanto o trabalho do ilocucionário é realizado no dizer do que quer que seja dito, o do perlocucionário é mais uma questão das consequências ou efeitos que podem ou não seguir a emissão de um ato de fala.

Um dos apontamentos de Austin que Derrida (apud LOXLEY, 2006, p 89) questiona é decisão de separar os performativos. Para Derrida, o modo como a linguagem foi utilizada efetivamente por repetição e por citação é mais relevante do que tentar estabelecer o que torna um performativo feliz ou infeliz. Derrida (apud LOXLEY, 2006, p 90) sugere uma desconstrução do discurso de fala, na qual a categoria da intenção não iria necessariamente



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

desaparecer, mas também não iria governar toda a cena e o sistema de enunciados. Ele vai destacar o papel da iterabilidade, que segundo ele, não pode ser entendido como uma presença ou unidade, pode sempre mudar. A intencionalidade do performativo tem sua chance pela própria iterabilidade, que impede que ela seja totalmente ou finalmente atualizada. Em outras palavras, a iterabilidade (propriedade do signo de ser sempre outro na sua mesmidade) também está dentro da intencionalidade. As intervenções de Derrida (apud LOXLEY, 2006, p 98) repetidamente sugeriam que a iterabilidade era ambos; a condição de possibilidade de um ato de discurso e ao mesmo tempo condição para sua impossibilidade.

A filósofa americana Judith Butler contribui muito para as discussões sobre gênero. Ela foi uma das pensadoras da teoria Queer; que afirma que a orientação sexual, a identidade sexual é resultado de uma construção social, ou seja nenhuma pessoa nasce homem ou mulher, mas ele/ela aprende a desempenhar esse papel na sociedade. A teoria Queer começou a se consolidar mais por meio dos trabalhos de Butler, como *Gender Trouble*. Ela também contribuiu para uma desconstrução do ativismo político feminista, um dos requisitos que a levou ao conceito de performatividade como recurso teórico.

Butler também busca problematizar o sistema binário no qual nossa sociedade classifica as pessoas. Segundo ela, existem três níveis, o primeiro pode ser entendido como o nível biológico do sexo, envolvendo cromossomos, anatomia, características femininas ou masculinas. O segundo nível é o social ou identidade cultural do gênero, no qual os indivíduos sociais e seus atributos ou características são divididos em masculino e feminino. E o terceiro nível seria o da sexualidade ou desejo, que é formado por homem desejando mulher e mulher desejando homem. Esses três níveis são entendidos como uma unidade só dentro da identidade de homem e de mulher. Um dos problemas do feminismo, para Butler era justamente essa construção da categoria “mulheres” como uma identidade singular. Para ela as identidades deviam ser pensadas no plural, em outras palavras, ela problematizou a divisão sexo/gênero dentro feminismo. O sexo não causa o gênero, o sexo



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

seria um fato, então o gênero continua aberto para alteração e transformação. Gênero é a construção cultural variável do sexo, que abre possibilidades de significado cultural ocasionado por um corpo sexuado. O sexo pode ser entendido como algo que foi culturalmente designado dentro dessa divisão binária que foi estabelecida. Logo, se o sexo já não pode ser mais justificado como um atributo do corpo meramente natural, se tal designação do natural acontece de dentro da cultura, então precisa-se de um entendimento diferente da corporeidade. Butler afirma que nossos corpos não podem ser entendidos como corpos que estão de fora da cultura, porém isso também não significa que nossos corpos devem ser entendidos como passivos ou inertes dentro dessa cultura. Essa cultura é responsável pelo processo de formação da identidade. E como a cultura é em si um processo, nós somos o que é feito e refeito durante esse processo. Para articular isso ela recorre a performatividade, uma vez que a realidade do gênero é um performativo, o que significa que é real apenas na medida em que é realizado.

Uma das maneiras que os conceitos são estabelecidos na nossa sociedade, como o sistema binário de masculino e feminino, por exemplo, é através da repetição de gestos, conceitos, comportamentos, entre outros, que aprendemos a executar. Tudo que aprendemos a executar visa então maneiras de reforçar o sistema binário heterossexual, só podemos ser meninos ou meninas, só podemos gostar do sexo oposto ao nosso. O que termina gerando exclusões, pois não são todos os que se encaixam no sistema binário, que ao ditar o que é normal, termina por determinar o que é anormal. E essa anormalidade é posta a margem, é vista como fora do padrão. Para Butler, a performatividade pode oferecer chances para nos opormos a esse sistema.

Questionários

Como foi citado anteriormente, nesses últimos meses focamos em discutir sobre performatividade e em fazer um levantamento de dados, aplicando e analisando os questionários. Segue abaixo os modelos aplicados.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CENTRO DE EDUCAÇÃO E
CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
GRUPO DE PESQUISA LETRAMENTOS EM INGLÊS**

**PROJETO DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA
INGLESA**

QUESTIONÁRIO

Nome:

Escola:

Grau(s) e turno(s) em que leciona:

Formação acadêmica

- Onde e quando concluiu o curso de licenciatura?

- Outros cursos (relevantes) concluídos.

Há quanto tempo leciona inglês?

Idade (opcional):



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Email:

Fones:

1) Tecnologias: como você lida com os conhecimentos dos alunos relacionados a tecnologia? Que aspectos relacionados à tecnologia podem ou devem ser abordados em sala de aula?

2) Diversidade: Que aspectos da diversidade podem ou devem ser abordados nas aulas de inglês? Quando esses aspectos podem ou devem ser abordados? Você poderia citar um exemplo que tenha acontecido em sua aula?

3) Materiais didáticos: Quais materiais didáticos você utiliza em sala? Por quê?

4) Descreva uma aula que você considera que tenha contribuído para a aprendizagem de inglês e para a formação dos seus alunos.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE CENTRO DE EDUCAÇÃO E
CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
GRUPO DE PESQUISA LETRAMENTOS EM INGLÊS**

**PROJETO DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA
INGLESA**

QUESTIONÁRIO

Nome:

Ano de ingresso:

Escola (caso seja professor/a):

Grau(s) e turno(s) em que leciona:

Idade (opcional):

Email:

Fones:

Formação acadêmica

- Por que você escolheu o curso de Letras? O que mudou desde que fez essa escolha?

- Formou-se em algum outro curso de graduação?



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

1) Tecnologias: como você lidaria com os conhecimentos dos alunos relacionados a tecnologia? Que aspectos relacionados à tecnologia podem ou devem ser abordados em sala de aula?

2) Diversidade: Que aspectos da diversidade podem ou devem ser abordados nas aulas de inglês? Quando esses aspectos podem ou devem ser abordados? Você já passou por alguma situação inusitada em sala de aula envolvendo a diversidade? Se sim, como foi?

3) Materiais didáticos: Quais materiais didáticos você utilizaria em sala? Por quê?

4) Descreva uma aula que você considera que possa contribuir para a aprendizagem de inglês e para a formação dos seus (futuros) alunos.

APÊNDICE B - Questionário dos alunos



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Na análise dos questionários dos professores e alunos concluintes um dos aspectos que chamou atenção é que nota-se uma certa contradição em relação ao uso das tecnologias. Em suma, as respostas em relação ao uso dos recursos tecnológicos são concordantes no que diz respeito a eles serem ferramentas que podem facilitar a aprendizagem, que enriquecem as práticas. Seguem abaixo algumas falas retiradas dos questionários:

Pergunta 1 Tecnologias: como você lida com os conhecimentos dos alunos relacionados a tecnologia? Que aspectos relacionados à tecnologia podem ou devem ser abordados em sala de aula?

Acredito que os recursos tecnológicos devem ser usados enquanto ferramenta para facilitar a aprendizagem, como por exemplo, o uso do celular, usado para tradução de palavras desconhecidas, uma vez que o colégio não possui dicionário suficiente. (professor 1)

Utilizo sempre que necessário, pois os próprios alunos sabem muito e melhor das facilidades e possibilidades dos recursos tecnológicos para melhor desempenho em sala de aula como: dicionários, aplicativos para aprendizagem de um idioma, google tradutor, conversações, músicas etc.. (professor 2)

Foi trabalhado uma música em que os alunos analisaram a letra (gramática e vocabulário.) Podendo também, praticar em seguida o listening e o speaking (professor 3)

As vezes tento lidar com o uso do whats app em sala de aula mas sei que o celular torna-se também uma ferramenta importantíssima na hora de pesquisar, acessar dicionários etc. (professora 4)

Elaborar uma aula com músicas, para serem encontradas palavras românticas, e pediria para os alunos traduzir do português para o inglês. (aluno concluinte 1)

A comunicação da tecnologia podem ser abordado em sala de aula, surge como um auxílio ao professor a abordar as pronúncias da língua franca. (aluno concluinte 2).

É relevante destacar que a intenção desses recortes não é a de criticar os professores e menos ainda a de apresentar o que seria o certo ou o errado. A verdadeira intenção é a problematização do modo como a tecnologia vem sendo utilizada. É notável que existe uma



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

difficuldade em expandir o uso das tecnologias na sala de aula. Mesmo quando é utilizada, parece ser de maneira mecânica, e apesar do recurso tecnológico a aula parece a mesma de décadas anteriores. No caso das falas destacadas, nota-se que a tradução é muito presente no contexto das aulas. É claro que utilizar aplicativos do smartphone para traduzir termos da língua inglesa não é inadequado, porém ter a tradução como uma das únicas funções dos aplicativos, por exemplo, é limitar imensamente a tecnologia. Um dos fatores que podem justificar essa limitação é a falta de preparação durante a formação inicial. Essa limitação vai além da falta de domínio dos recursos por parte dos professores ou da falta de recursos da escola (sabe-se que algumas escolas públicas não possuem recursos, contudo, em sua maioria, os alunos possuem smartphones que poderiam ser mais explorados). De maneira geral, pode-se dizer que grande parte dos professores possuem o domínio dos recursos tecnológicos, mas parecem ter dificuldade em unir criticamente o conteúdo do currículo escolar com a tecnologia. O que também pode explicar essa limitação é a priorização da competência, que significa que os professores ainda preferem optar por atividades que já conhecem e dominam, evitando o imprevisto. Essa competência pode ser entendida na discussão sobre a performatividade.

Segundo Pennycook (2007), a performatividade permite as condições que fazem com que a performance seja possível. E a noção de performance torna possível a abertura de novos caminhos para entender como as linguagens, identidades e futuros são remodelados. A questão é que existe uma divisão entre a noção de performance e a competência. Competência priorizaria mais o sistema do que a língua que é usada diariamente, tem a ver com dominar um conjunto de códigos que possibilitariam dizer se uma pessoa tem a competência para produzir ou entender um determinado conceito. Por exemplo, pensando em uma sala de aula, um professor que prioriza a competência, prioriza seguir um planejamento de aula, bem como as estruturas gramaticais, de modo que se alguma situação fora do esperado acontecer, por exemplo, um aluno perguntar algo que não necessariamente tem a ver com aquele conteúdo, o professor vai desconsiderar para não



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

fugir do planejamento. O mesmo ocorre com o uso do recurso tecnológico; quando o celular é permitido ele é utilizado como uma tecnologia tradicional e parece não ter outro objetivo a não ser aplicativos de pesquisa e tradução.

A competência parece ser mais presente no contexto escolar porque sua forma de focar no sistema é mais fácil do que focar em um contexto que está sempre em alteração. Já a performatividade amplia o modo como pensamos sobre a linguagem e a identidade e sobre o que a linguagem faz e quais os seus efeitos (PENNYCOOK, 2007).

Ampliar o modo de pensar tem a ver também com a criticidade; pensar mais criticamente sobre os conteúdos pode ajudar a não limitar a tecnologia. Por exemplo, o uso do Datashow foi citado por alguns professores e alunos como um dos materiais didáticos que eles utilizam na sala de aula. A questão é; Que tipos de recursos visuais aparecem? Quais os tipos de texto? O que os slides trazem que o livro didático não traz? Todas essas questões devem ser levadas em consideração porque se não forem pensadas, apesar do recurso tecnológico estar presente, não fará muita diferença entre usá-lo ou usar apenas o livro. O mesmo ocorre quando o uso do smartphone é permitido apenas para pesquisar palavras ou quando ao ensinar uma música, somente a tradução da letra é o objetivo da aula. Essa limitação no uso dos recursos tecnológicos não condiz com o que vivenciamos atualmente; o desenvolvimento e aperfeiçoamento de novas tecnologias que modificam constantemente nosso modo de nos comunicar, nossa linguagem, uma vez que;

Tanta informação e rapidez fazem com que tenhamos contato muito mais imediato com outras partes do mundo, com outras formas de pensar e fazer que constantemente interagem com nossos pensares e agires particulares. O local e o global se afetam mutuamente, e as antigas certezas ficam permanentemente abaladas pelas constantes mudanças nos rumos das sociedades e das ciências. Essa instabilidade possibilitada pela intercomunicação rápida entre diferentes culturas (intra e inter-nacionais) pode exercer um efeito bastante produtivo se entendermos a positividade dos confrontos entre perspectivas e percebermos a aprendizagem como um embate constante entre diferentes visões de mundo. (JORDÃO, 2007 p. 23)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Essa mistura de global e local, a instabilidade e a rapidez para adquirir informações molda novos sujeitos, modifica nossa linguagem. As pessoas formam comunidades, fazem blogs, participam de grupos, jogam, interagem com pessoas de diversas partes do mundo. Em outras palavras, elas têm acesso “simultâneo a várias comunidades interpretativas, a inúmeras leituras, a infindáveis lentes que interagem com nossas maneiras particulares de ver o mundo” (JORDÃO, 2007, p. 25). Essa é a realidade que estamos inseridos, com diversas perspectivas que podem ser abordadas em sala de aula. Diante desse cenário, torna-se então fundamental que no âmbito escolar a tecnologia seja não apenas utilizada superficialmente, mas explorada e problematizada.

Também foi possível identificar nas respostas dos professores e dos alunos concluintes uma preocupação em tratar de tecnologia utilizando o conhecimento prévio dos alunos e trabalhar dentro da realidade da turma. Contudo, nota-se que aproveitar a realidade dos alunos, principalmente utilizando as redes sociais, é um assunto que aparece com mais frequência nas respostas dos alunos concluintes do que nas respostas dos professores. Um dos motivos que podem explicar o porquê disso é que a prática na sala de aula é diferente da teoria. É na prática que os professores se deparam com as incertezas e dificuldades de ensinar a língua inglesa em um contexto que está constantemente em alteração. Por isso, além da formação inicial para aqueles que ainda estão na graduação, a formação continuada também deve auxiliar esses professores que já atuam, para que possam estar mais aptos a lidar com a tecnologia e com a realidade dos alunos, bem como os imprevistos que acontecem durante as aulas.

Procurou utilizar os conhecimentos deles para enriquecer a aula e tornar a tecnologia uma aliada. Sites como Kahoot, Movie segment, entre outros, são bem acessíveis e divertidos (professor 5).

O tema tecnologia deve ser tratado com o que eles (os alunos) têm em mãos e lidam diariamente. Busco sempre tratar o assunto de acordo com o alcance deles, em relação ao acesso à tecnologia, e abordar assuntos relevantes ao dia a dia (professor 6).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Atualmente, procuro centrar esforços em promover práticas de leitura e desenvolver discussões acerca de temas que sejam relevantes para os alunos. A tecnologia entra como ferramenta para enriquecer essas práticas e para, na medida do possível (a depender do contexto em que se atua) divulgar os resultados dessas práticas e/ou promover interação com outros alunos/falantes (professor 7).

Eu acredito no ensino aprendizagem baseado na construção do conhecimento através da participação dos envolvidos. Nesse sentido tento escutar as contribuições trazidas pelos estudantes, sem abandonar a reflexão estabelecida nas escolhas e compartilhamento de informação (professor 8).

Procuro sempre trabalhar essa temática também tendo como norte duas categorias básicas: a possibilidade de transferir o conhecimento da esfera individual para uma ação comunitária que seja mediada por princípios éticos (professor 9).

Poderia trazer assuntos que envolvessem a realidade daquele aluno e comunidade. Exemplo: redes sociais (aluno concluinte 3).

Todo conhecimento que o aluno traz para a sala pode ser usado para benefício de aula (aluno concluinte 4).

Mostraria de como a tecnologia está intrínseca as suas vidas, de maneira a ensinar inglês contextualizado a sua realidade (aluno concluinte 5).

Fazendo uso dos meios tecnológicos que eles mais usam, como as redes sociais, para que possam sentir-se mais familiarizados, assim abordando as temáticas propostas (aluno concluinte 6).

Outro ponto relevante foi a análise dos questionários respondidos pelos 23 alunos ingressantes, cuja idade varia entre 16 e 22 anos (importante destacar que apenas um deles atua na área). Quase todos disseram que escolheram o curso de letras porque gostam e se identificam com a língua inglesa. O interesse por música, filmes, jogos e redes sociais também contribuíram, e segundo eles, esses recursos são importantes nas aulas. Em relação ao exercício da profissão, um aspecto interessante foi que ao serem questionados sobre uma aula que eles consideram que podem contribuir para a aprendizagem e para a formação de



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

seus (futuros) alunos, quase todos apontaram para a importância de uma aula dinâmica e participativa, como mostram as falas abaixo;

Pergunta 4: Descreva uma aula que você considera que tenha contribuído para a aprendizagem de inglês e para a formação dos seus (futuros) alunos?

A aula onde todos participam (aluno ingressante 1)

Por exemplo, tentar falar mais em inglês (aluno ingressante 2)

Uma aula bem dinâmica que faça os alunos trabalharem em equipe (aluno ingressante 3)

Uma aula dinâmica que faça com que os alunos se sintam seguros e vejam que a língua é convidativa e segura (aluno ingressante 4)

Uma aula com muito diálogo entre os alunos (aluno ingressante 5)

Uma aula tratando a diversidade (aluno ingressante 6)

Uma aula em que haja a participação de todos (aluno ingressante 7)

Pela idade dos alunos, pode-se inferir que faz pouco tempo que eles concluíram o ensino médio, e como apenas um deles atua na área, pode-se inferir também que suas impressões de aulas podem derivar, em grande parte, das experiências com as aulas de inglês que eles tiveram na escola. Talvez esse interesse em ter aulas mais participativas seja um reflexo das aulas monótonas (ou não) que eles tiveram quando estavam no ensino regular. Sabe-se que apesar dos avanços que já vem acontecendo, a educação, de modo geral, ainda é bastante tradicional. Algumas das características desse ensino tradicional é que a interação entre os alunos e o professor é muito mecanizada, falta criticidade, o uso tecnológico é limitado e muitas vezes os alunos não têm espaço para se expressar. Esses alunos ingressantes destacam o dinamismo da aula como um fator colaborativo que pode melhorar a aprendizagem. A importância de aproveitar o conhecimento prévio dos alunos atrelado as tecnologias também foi citada por eles.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Pergunta 1: Durante uma aula (de inglês) como você lida(ria) com o conhecimento dos alunos relacionados a tecnologia? Que aspectos relacionados à tecnologia podem ou devem ser abordados em sala de aula?

Tentaria aprender com eles maneiras de tornar a aula mais dinâmica. O uso do celular, a rapidez das informações, a liquidez das relações (aluno ingressante 1).

Iria aproveitar esses conhecimentos e trazê-los para a sala de aula. Desse modo estaria fazendo com que os alunos se interessassem na aprendizagem da língua. Devem ser abordados aspectos que envolvam o inglês no âmbito tecnológico, como vídeos, redes sociais, músicas, filmes, etc (aluno ingressante 2).

Podem ser abordados o uso de tecnologia para deixar o ensino dinâmico e apresentar a eles a tecnologia como um material complementar para o aprendizado da língua (aluno ingressante 3).

Eu aproveitaria que a tecnologia faz parte do nosso dia a dia e usaria o que os alunos sabem para usar nas aulas, com a contribuição deles, pode ser com criação de jogos em inglês que serão usados nas aulas depois (aluno ingressante 8).

Eu aproveitaria ao máximo todo o conhecimento, ajudando, por meios tecnológicos, grupos, pesquisas, jogos, na aprendizagem da disciplina (aluno ingressante 9).

Eu aproveitaria esse conhecimento para envolver cada vez mais os alunos nas aulas (aluno ingressante 10).

Neste momento é de suma importância que na formação superior, tanto os alunos ingressantes quanto os alunos concluintes sejam estimulados a desenvolver seus apontamentos, principalmente a desenvolver o senso crítico, para que possam estar mais aptos a lidar com a sala de aula e com seus imprevistos. Das falas acima, nota-se que apenas o aluno ingressante 1 destaca que tentaria aprender com seus alunos, o que é importante pois ele parece estar mais propenso a lidar com o imprevisto nas aulas. Esse apontamento deve ser desenvolvido durante a formação inicial desses alunos, uma vez que como futuros professores eles precisam enxergar os alunos como aqueles que são parte



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

fundamental da aula. E se a aula é para eles, ela deve estar dentro do contexto deles, valorizando o conhecimento que eles trazem consigo.

Conclusões

Pode-se concluir que a questão do uso da tecnologia atrelada ao ensino de línguas precisa ser mais explorada durante a formação dos futuros/presentes professores de inglês. Apesar de estarmos inseridos no contexto tecnológico, as dificuldades e incertezas quanto a utilização da tecnologia faz parte da realidade do ambiente escolar. O desenvolvimento da criticidade torna-se de suma importância para que os recursos tecnológicos (bem como os demais materiais didáticos) sejam utilizados de modo mais consciente e crítico. É possível adaptar o currículo escolar de maneira crítica com o auxílio das tecnologias, que por fazerem parte do dia a dia dos alunos (e dos professores) não podem mais ter seu uso limitado, mas devem ser cada vez mais exploradas na escola.

Perspectivas

Pretende-se continuar com a pesquisa e o levantamento de dados. O próximo passo é fazer e analisar as entrevistas. Esperamos dessa forma entender melhor o ponto de vista dos professores de inglês e dos alunos do curso de letras da UFS e contribuir também com a nossa área de atuação.

Referências

JORDÃO, Clarissa M. *As lentes do discurso: letramento e criticidade no mundo digital*. Campinas: UFPR, Jan./Jun. 2007. p. 19-29.

LOXLEY, James. *Performativity*. Londres, 2006.

PENNYCOOK, Alastair. *Global Englishes and Transcultural Flows*. 2007, p. 58-77.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

ZACCHI, Vanderlei J. *Esperando o inesperado: formação de professores numa era de incertezas*. In: MOTA, Mailce B. et alii. *Língua e literatura na época da tecnologia*. Florianópolis: EDUFSC, 2015. p. 259-276.

Outras atividades

Em 2018 tive a oportunidade de participar como monitora do IV Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa (SEFELI) na UFS, e também apresentei um trabalho com o tema Letramento Crítico e o Ensino de Inglês sob a Perspectiva de uma Professora em Formação, cujo objetivo era o de abordar a minha percepção do letramento crítico e como comecei a (re)pensar meu papel como professora de língua estrangeira. Como monitora, ajudei na organização do evento e ainda pude participar das oficinas das quais destacarei a oficina da professora Simone Batista da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) com o tema Leitores e Leituras, Textos, Letramentos e Conexões nas aulas de Língua Inglesa. Dentre as discussões desta oficina a que mais me impactou foi sobre a importância de entender a língua representação parcial de uma verdade hipotética; um constructo para a prática/atuação semiótica, para produção de sentidos nas interações sociocomunicativas. O seminário contribuiu muito para a minha formação e foi muito gratificante poder auxiliar na sua organização.